



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

11721 - Resumo Expandido - Trabalho - 15a Reunião da ANPEd – Sudeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 06 - Educação Popular

**A EDUCAÇÃO POPULAR E O TEATRO REVOLUCIONÁRIO: O QUE PODEMOS APRENDER COM A NOSSA HISTÓRIA?**

Caroline da Silva Barbosa - UERJ/FFP - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

**A EDUCAÇÃO POPULAR E O TEATRO REVOLUCIONÁRIO: O QUE PODEMOS APRENDER COM A NOSSA HISTÓRIA?**

O presente trabalho é um recorte de uma pesquisa de doutorado em Educação, em fase de desenvolvimento, cujo objetivo intenciona aproximar o campo da Educação Popular aos estudos relativos ao teatro e sua pedagogia, sobretudo o teatro entendido como “arte revolucionária” em espaços de educação, tendo como principais referenciais Augusto Boal, Paulo Freire e as ações do Centro Popular de Cultura da União Nacional dos Estudantes, o CPC da UNE, no período de 1961 a 1964. A partir das ações do CPC e dos autores citados, busca-se pensar caminhos para a educação que considerem a importância do exercício do olhar sensível sobre o mundo a partir da experimentação de práticas artísticas. Nesse sentido, as discussões e propostas artísticas do CPC que aconteceram antes do golpe civil-militar no Brasil são entendidas como inspirações para ações em tempos atuais.

É importante pontuar que a Educação Popular é aqui entendida, seguindo as concepções de Paulo Freire, “que designa a educação feita com o povo, com os oprimidos ou com as classes populares, a partir de uma determinada concepção de educação: a educação libertadora, que é ao mesmo tempo gnoseológica, política, ética e estética” (FREIRE, 2006, p.59), afirmando que a Educação Popular pode tensionar as desigualdades sociais e educacionais no Brasil, contribuindo para a transformação social. O pesquisador Cênio Back Wehy argumenta que um dos fatores que caracteriza a Educação Popular é a relação estreita com os setores marginalizados da sociedade “na medida que reconhece a legitimidade do saber que aí se produz e fora ignorado pelo academicismo clássico.” (WEHY, 2005, p. 1).

Para fins de contextualização, entende-se que o surgimento da Educação Popular, ou EP, teria acontecido em maio de 1960 em Recife (PE). Para Maria Tereza Tavares é importante não esquecer “a vinculação histórica e política entre a Educação Popular e os movimentos sociais, tanto no Brasil, quanto na América Latina e África, principalmente nas décadas de 60 a 80 do século vinte” (TAVARES, 2015, p. 51), quando estes países passaram por regimes ditatoriais.

Assim como a EP, que marca a história do nosso país por uma transformação social, as produções do Centro Popular de Cultura da União Nacional dos Estudantes, o CPC da UNE, também podem ser entendidas como um movimento social que buscou no período do surgimento da EP, por diversos meios artísticos, sobretudo através de uma proposta teatral chamada revolucionária ou política, chegar às classes populares provocando-as ao rompimento da estrutura social na qual estas estavam inseridas. Para que isso acontecesse, os artistas e intelectuais da época, que eram maioria nesse movimento, se mobilizavam pelo país, levando espetáculos teatrais com bases revolucionárias para o campo, fábricas e ruas.

É importante lembrar que o CPC, apesar de ter uma breve história entre os anos 1961 e 1964, era constituído por diversos intelectuais e artistas que já haviam se envolvido com outros grupos importantes na época, como o Teatro de Arena e o Teatro Paulista do Estudante, o TPE. Maria Silvia Betti (2013) mostra que um dos objetivos do Teatro de Arena, surgido em 1953, era atingir públicos de outras classes sociais, principalmente pessoas de diferentes extratos sociais. O TPE, que surge em 1955, estava inserido dentro da militância do Partido Comunista Brasileiro e tinha como um dos objetivos ser um braço estético de uma política estudantil.

Comparado a esses dois grupos, temos o CPC, que tentou radicalizar suas práticas artísticas revolucionárias na busca do “povo” indo até os operários, camponeses e demais grupos com o objetivo de mobilizá-los à transformação social. No entanto, segundo o pesquisador Décio de Almeida Prado: “obedecia-se, ou supunha-se obedecer ao povo, mas também, ordenava-se ao povo, em tom exortativo ou imperativo”. (PRADO, 2009. p. 100). Esta era uma das grandes críticas às práticas do CPC: o grupo tinha a ideia de passar uma mensagem “para” e não “com” ou “do” povo.

O artista Augusto Boal, por exemplo, apesar de não ter se colocado como membro do CPC da UNE, participou de algumas de suas ações, como o desenvolvimento de Seminários de Dramaturgia – o que já fazia no Teatro de Arena. O autor elaborou o que em um certo período chamou método Teatro do Oprimido, que foi desenvolvido a partir de suas experiências teatrais, inclusive com o seu grupo e com o próprio Centro Popular de Cultura.

Boal (2010) lembra que em toda sua atividade teatral observou que os públicos populares estavam interessados em participar efetivamente do evento teatral e se incomodavam com a observação passiva de espetáculos fechados. Eles tentavam dialogar com os atores, interromper as histórias, pedir explicações. Segundo ele, “ao contrário da

educação burguesa, a educação popular ajuda e estimula o espectador a fazer perguntas, a dialogar, a participar.” (BOAL, 2010, p. 216).

Augusto Boal buscou a ação dessa plateia que era tão importante para o próprio CPC. Ou seja, através da ação do espectador, da provocação que colocaria o próprio público em cena, que a ideia da mudança social poderia acontecer. Consideramos fundamental a seguinte explicação do autor sobre seu teatro: “O que a Poética do Oprimido propõe é a própria ação! [...] o espectador ensaia, preparando-se para ação real. Por isso, eu creio que o teatro não é revolucionário em si mesmo, mas certamente pode ser um excelente “ensaio” da revolução.” (BOAL, 2010, p. 182).

A partir das experiências de grupos como o CPC e do próprio processo de experimentação artística de Boal, reitera-se a concepção da *Poética do Oprimido* (BOAL, 2010), visto que essas práticas se aproximavam das concepções de Paulo Freire e de suas ideias relativas a uma educação transformadora, dialógica e popular. Em diálogo com essa perspectiva, afirmamos que as práticas de educação dos movimentos sociais, os processos artísticos experimentados em sindicatos pelo Brasil e as artes inseridas nas escolas públicas são entendidos por nós como resultantes de ações anteriores e, hoje, espaços possíveis de pensar e produzir fazeres artísticos que tenham como um dos objetivos a transformação social.

Quando falamos sobre arte e educação pública, estamos falando de um campo de conhecimento em recente expansão no país e no mundo. Entendemos, portanto, que a busca pela transformação social tem campo fértil em escolas públicas, onde professores(as) e estudantes buscam práticas dialógicas e de partilha do sensível. Acreditamos que esse diálogo pode acontecer a partir de experimentações artísticas que trabalhem um olhar poético sobre o mundo inspiradas em ações propostas por Augusto Boal e tendo como referência os jovens artistas e intelectuais que, a um passo do período ditatorial no Brasil buscavam mobilizar a sociedade a partir da arte.

**Palavras-chave:** Educação Popular. Teatro e Educação. Teatro Revolucionário. Teatro do Oprimido.

## Referências

BETTI, Maria Silvia. *A politização do teatro: do Arena ao CPC*. In: FARIA, João Roberto (dir.) *História do Teatro Brasileiro*. v 2. São Paulo: Perspectiva: Edições SESCSP, 2013.

BOAL, Augusto. *A Estética do Oprimido*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

\_\_\_\_\_. *Teatro do Oprimido e outras Poéticas Políticas*. 10. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

FREIRE, Paulo: *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. 13<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

PRADO, Décio de Almeida. *O teatro brasileiro moderno*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

TAVARES, Maria Tereza Goudard. 2015. *Educação Popular E Movimentos Sociais contemporâneos: Algumas Notas Para reflexão*. Revista Da FAEEBA - Educação E Contemporaneidade 24 (43), 49-61.

WEYH, Cênio Back. *Faces (novas) da educação popular no contexto brasileiro atual: a construção do poder popular pela participação*. 28<sup>a</sup> Reunião Anual da ANPED, Caxambu, 2005.